



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**MARCUS AURÉLIO TABORDA DE OLIVEIRA**

**(depoimento)**

**2014**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA



**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-488

**Entrevistado:** Marcus Aurélio Taborda de Oliveira

**Nascimento:** 23/12/1964

**Local da entrevista:** CEMEF – EEEFTO - UFMG

**Entrevistadora:** Christiane Macedo

**Data da entrevista:** 20/11/14

**Transcrição:** Leila Carneiro Mattos e Marina

**Copidesque:** Christiane Macedo

**Pesquisa:** Christiane Macedo

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 23 minutos e 49 segundos

**Páginas Digitadas:** 9 páginas

**Observações:**

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Christiane Garcia Macedo intitulada *Centros de Memória da Educação Física e dos Esportes nas Universidades Federais*.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Envolvimento com o Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer, da Universidade Federal de Minas Gerais; Atividades no CEMEF; Grupos de alunos e reuniões de estudo; Temática de pesquisa; Autores e referenciais teóricos; Metodologias utilizadas, Meios de divulgação científica, definição do CEMEF; Papel do CEMEF na sua trajetória; Registro final da entrevistada.

Belo Horizonte, 20 de novembro de 2014. Entrevista com Marcus Oliveira a cargo da pesquisadora Christiane Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Primeiro professor, muito obrigada por conceder esta entrevista e queria que você começasse contando, como você se envolveu com o CEMEF<sup>1</sup>?

M.O. – Na verdade eu já tenho uma relação com o CEMEF mesmo antes de eu vir a Belo Horizonte, para a UFMG<sup>2</sup>, porque eu tenho uma relação de algum tempo com as pessoas que tem estado à frente do CEMEF nesses anos todos, sobretudo o professor Tarcísio<sup>3</sup> e a professora Meily<sup>4</sup>. Mesmo quando eu era professor da Federal do Paraná<sup>5</sup>, eles me convidaram a participar do Seminário do CEMEF, não me lembro se na primeira edição, agora de cabeça não lembro, mas certamente a segunda e terceira edição do Seminário. Eu fui convidado a participar de uma mesa, uma eu me lembro muito bem que foi com o Amarílio<sup>6</sup>, do Espírito Santo, e outra participei também de uma mesa com o Professor Luciano Mendes de Faria Filho. E a Diana Vidal estava em outra sessão. Enfim, então desde as primeiras edições do Seminário eu fui convidado pelo Tarcísio e pela Meily para participar das atividades do CEMEF, ainda que como debatedor e expositor. Ao mesmo tempo, lá no Paraná, embora... eu nunca trabalhei de fato no Centro de Memória, mas a professora Vera Moro<sup>7</sup> organizava o Centro de Memória da Educação Física do Paraná<sup>8</sup>, e eu tinha comigo algumas fontes que eu localizei nos arquivos da Escola, por conta da minha tese de doutorado. Então naquele momento, também, eu disponibilizei essas fontes que tinham chegado às minhas mãos, ou pelo arquivo do professor Hamilton Saporski, então conheci um pouco do que a Vera estava *tentando* fazer um trabalho muito eficiente no Paraná. Dessa maneira eu diria que me aproximei dos Centros de Memória. Que nunca foi uma preocupação minha, nunca imaginaria que trabalharia em um Centro de Memória, mas assim me aproximei do CEMEF. Com a minha vinda para Belo Horizonte em 2010,

---

<sup>1</sup> Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer, da Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>3</sup> Tarcísio Mauro Vago.

<sup>4</sup> Meily Assbú Linhales.

<sup>5</sup> Universidade Federal do Paraná.

<sup>6</sup> Amarílio Ferreira Neto.

<sup>7</sup> Vera Luiza Moro.

<sup>8</sup> Centro de Memória do Departamento de Educação Física da UFPR.

eu vim como convidado da Faculdade de Educação, professor visitante, mas quando eu ingressei na Faculdade, no Programa<sup>9</sup>, no GEPHE<sup>10</sup>, que hoje eu coordeno, mas passei a frequentar regularmente as atividades do CEMEF também, naquele momento as atividades eram sempre as sextas-feiras à tarde, e eu passei a participar regularmente dessas atividades. Acabei fazendo um novo concurso, vindo para a Escola de Educação Física, isso fez com que eu me aproximasse ainda mais do CEMEF porque eu estava lotado aqui, na área de lazer, na linha de história e memória. Também me aproximei mais do CEMEF, eu estive nessa sala aqui<sup>11</sup>... Aqui foi minha sala por dois anos. E doeí parte do meu acervo para o CEMEF, boa parte do acervo referente à educação física, ao esporte, já foi doado para o Centro de Memória. Só que há dois anos eu me mudei para a Faculdade de Educação, para a linha de história da educação. E mantenho um contato mais distante, mantenho contato com o CEMEF, mas eu já não me considero organicamente ligado ao CEMEF, porque eu não trabalho como o pessoal tem trabalhado, com o acervo, com tratamento, organização, essas coisas não é muito do meu *metiê*, não sei fazer, e eu não tenho grande apressa por isso. Acho um trabalho super importante, mas eu não sei fazer isso, não é um trabalho ao qual eu me dedico. Então essa é um pouco da trajetória de como eu cheguei aqui.

C.M. – Quais as atividades que você tem participado desde então?

M.O. – Então, desde a minha ida para a Faculdade de Educação, a minha presença aqui no CEMEF ela se tornou um pouco irregular, até errática. Por quê? Como não há uma coincidência entre as dinâmicas da Escola de Educação Física e da Faculdade de Educação, por exemplo, tiveram semestres que eu tive que dar aula sexta à tarde, daí eu não podia participar das atividades daqui, eu sou membro do grupo de pesquisa da Faculdade de Educação, eventualmente nós temos reuniões, sextas-feiras à tarde. Então na verdade, esse ano particularmente, a minha participação no CEMEF se tornou bastante errática, eu participei de algumas atividades, não tenho uma dedicação muito intensa ao CEMEF nesse momento, mas fundamentalmente eu elencaria as seguintes atividades: eu participo de reuniões de pesquisa, reunião de estudos, quando vêm convidados para cá, é uma atividade regular, o “CEMEF Convida”. Então muitos convidados vêm para cá, eu participo dessas

---

<sup>9</sup> Programa de Pós-graduação em Educação da UFMG.

<sup>10</sup> Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação.

atividades. Eu participei com mais intensidade dos Seminários de discussão de projetos de mestrandos, doutorandos e pós-doutorandos, e apresentei dois seminários aqui no CEMEF. As discussões de projetos internos ao grupo, cada um dos pesquisadores tem seu projeto. Essas são as atividades que eu desenvolvo mais regularmente no CEMEF. Comecei fazendo isso, e de alguma maneira é isso que eu sigo fazendo. Eu nunca me dediquei às atividades, por exemplo, do acervo, foi uma opção minha, apesar de um certo apelo dos colegas, para que todo mundo se envolva nesse trabalho que é importantíssimo, mas é como eu te disse, eu não tenho muita lida com isso. Então fiz uma opção de participar de outra dimensão que acarreta na atividade de pesquisa do CEMEF.

C.M. – Você tem grupo de alunos ligados ao CEMEF e faz reuniões com esse grupo?

M.O. – Tem, tem. Eu fundei aqui em BH<sup>12</sup>, quando eu vim para a UFMG, eu fundei um NUPESS, é o Núcleo de Pesquisa sobre a Educação de Sentidos e as Sensibilidades. Que é um desdobramento de um projeto que eu coordenei por mais de dez anos, que tratava do currículo e da educação do corpo. Nesse currículo e educação do corpo eu acabei focando no NUPESS até porque meus interesses extrapolaram o limite da escolarização, eu trabalhei muito tempo com a ideia da educação do corpo na escola e comecei a me interessar por outras coisas, por outras instâncias educativas. Então montei o NUPESS, ele agrega alunos de iniciação científica, alunos de mestrado, alunos de doutorado, pelo menos dois pós-doutorandos, agora esta chegando uma terceira, dois pós-doutorandos já passaram pelo NUPESS. E o NUPESS ele tem essa interface, assim como o CEMEF é parte do GEPHE que é o Centro de Pesquisa da História da Educação, o NUPESS é parte dos dois grupos. Então eu tenho alunos no NUPESS que participam apenas do GEPHE porque eles não têm interesse nas atividades do CEMEF, eles não trabalham com a educação do corpo, com o esporte, com a educação física, fazem outras coisas. Mas eu tenho vários alunos que trabalham junto ao CEMEF, sistematicamente no CEMEF. Então o grupo está aqui e está lá, e tem gente circulando nos dois ambientes e alguns circulando em um ou no outro.

C.M. – Sobre a sua produção, quais tem sido suas temáticas de pesquisa, o senhor falou um pouquinho, mas também o aporte teórico e as metodologias trabalhadas?

---

<sup>11</sup> Sala onde estava sendo realizada a entrevista.

<sup>12</sup> Belo Horizonte (MG).

M.O. – Eu fiz uma tese de doutorado, que eu defendi em 2001, sobre a educação física escolar no período da ditadura militar, trabalhando com documentos oficiais, trabalhando com a Revista Brasileira de Educação Física e dos Esportes e com a experiência de professores, então, recorri também à história oral. Depois da tese eu voltei a Federal do Paraná, eu fiz a tese em São Paulo, na PUC<sup>13</sup>. Voltei a Federal do Paraná e imediatamente eu ingressei na linha de pesquisa da história da educação do Programa da Pós-graduação. E aí como eu fiz um investimento na área de estudos da história das disciplinas escolares, a história do currículo, e naquele momento, não tinha ninguém na linha de pesquisa que fizesse isso. Então eu acabei me dedicando de “corpo e alma” a isso, acabei me especializando de alguma maneira, porque eu comecei a dar aula, orientar na história do currículo e das disciplinas, independente da educação física, história do currículo no sentido amplo e história da disciplina no sentido amplo. E investi fortemente nisso, foi quando eu desenvolvi então, para pleitear financiamento, justificar minha presença no programa e circulei esse projeto, “Currículo e educação do corpo na educação brasileira”, Orientei na história da educação brasileira, que eu orientei outras coisas. Por muito tempo, mais de dez anos, eu trabalhei nessa perspectiva, história do currículo em relação a educação do corpo, focando tanto na educação física, ginástica, como saberes, conteúdos, disciplinas, mas todas aquelas disciplinas que de alguma maneira tocam o corpo, o canto, higiene, economia doméstica, trabalhos manuais, inclusive outra disciplinas, por exemplo, orientei duas teses sobre ensino de português, por conta do quanto o corpo esta presente, na leitura, na escrita, etc. Então, nessa perspectiva eu trabalho muito com a história social do currículo, fundamentalmente com a produção do Goodson, mas também acabei, justamente por ter me especializando nisso, trabalhando com outros autores que hoje são referencia, André Chervel, Ivor Goodson que tratam especificamente ou da história da ciência ou da história das disciplinas escolares. Agora, mesmo antes dessa minha inserção propriamente acadêmica, ou na pós-graduação, eu já tinha trabalhado com a tradição historiográfica, que é da história social inglesa, por outros motivos, por conta de militância, eu militava no partido e em Movimentos Sociais. Aí eu li vários autores que me levaram de alguma maneira, por conta da questão política, a conhecer o Edward Thompson, Eric Hobsbawm, Raymond Williams, especialmente Williams e Thomsom são da minha cabeceira, a mais de vinte anos, são autores de referencia para mim, que me interessa muito a noção de

experiência, por exemplo. Interessa muito a experiência da gente no mundo, então Thomson é um autor muito importante. Por me interessar pela experiência, obviamente me interessa a cultura, também o Thomson, mas, sobretudo o Raymond Williams é um autor para mim importantíssimo. E o Raymond Williams tem um conceito, que ele já abandonou e depois voltou, mas que eu gosto muito que é o conceito de estrutura de sentimentos, lugar que uma sociedade compartilha, costumes, hábitos, moral, etc. Essas coisas para mim continuam pontuando a minha pesquisa. Como eu te disse, quando eu vim para cá, ocorrido o projeto sobre o currículo e educação do corpo para educação de sentidos e sensibilidades, alguns outros autores de outras tradições, começaram a me chamar atenção, por exemplo, Peter Gay, não apenas por conta da educação de sentidos, mas o tipo de abordagem dele, da história com a psicanálise, começou a me interessar bastante. E alguns outros clássicos, Bakhtin e Benjamin, por exemplo, que conta a história da cultura, então, tudo o que diz respeito a história da cultura, mais do que sobre o rótulo de história cultural, a história da cultura me interessa bastante, independente de ser de uma tradição marxista ou não, esses autores todos combinados. E mais recentemente por conta dos temas dos meus projetos, eu tenho me aproximado da obra do Gumbrecht<sup>14</sup>. Então são esses autores, eu não saio muito disso, meio ortodoxo. Eu leio muita coisa, conheço muita coisa, mas na hora de operar alguns autores acabam dando o tom daquilo que eu estou fazendo. Conforme muda o objeto eventualmente você tem que recorrer a outras bases teóricas, mas fundamentalmente essa é a tradição com a qual eu tenho trabalhado.

C.M. – Aonde você tem circulado sua produção, livros, revistas, eventos?

M.O. – Nos três, eu tenho para mim que por ano eu vou a pelo menos dois eventos. Eu tenho uma questão de fronteira a muitos anos, que às vezes é bom e outras ruim, que é a educação física e a educação. Dediquei-me fortemente a história da educação, me erradiquei na história da educação, mas como eu tenho trabalhado com a educação do corpo, a história do corpo, das práticas escolares, obviamente isso tem uma interface com a educação física. Eu me inseri na universidade, embora eu tenha me graduado em educação física, eu me inseri na área de educação, no Paraná eu estava na educação. Eu fiz minha trajetória de formação pela educação, então eu fico em uma região de fronteira, isso às

---

<sup>13</sup> Pontifícia Universidade Católica.

<sup>14</sup> Hans Ulrich Gumbrecht.



vezes é muito legal, porque você tem duas comunidades, duas não, se pensar que a educação física tem várias comunidades e a educação também, mas pensando na história, tem duas comunidades que tem preocupações distintas, suportes diferentes, então é legal porque você está discutindo dois âmbitos. E as vezes você está com uma sobrecarga de trabalho que é absurda, você fica meio baratinado. Mas eu tenho publicado livros, às vezes os livros eles tem uma circulação mais específica de um campo, mas, por exemplo, publiquei pela Autores Associados<sup>15</sup> um livro chamado “Educação do corpo na escola brasileira” na Coleção da Educação Física, que foi a sugestão da própria editora. A minha tese saiu em uma coleção de historiografia da educação. O meu livro mais recente, sobre a educação e sensibilidade também saiu em uma coleção relacionada aos estudos históricos, então os livros eles são mais gerais. Eu publico em diversas revistas tanto da educação, quanto da educação física, embora, mais na educação, se você pegar minha produção de fato no ponto de vista de periódicos, elas estão concentradas mais na área da educação. E eventos como eu disse, eu frequento o GTT<sup>16</sup> do CONBRACE<sup>17</sup>, recentemente eu voltei ao Seminário de História da Educação Física que eles reeditaram. Era um seminário que eu participava com alguma frequência; frequento a ANPED<sup>18</sup>, Sociedade Brasileira da História da Educação, enfim, são difusos. Agora, na publicação de revistas, meu foco maior é de fato nas revistas da área da educação, até por uma questão de aderência, eu não gosto exatamente desse conceito, mas não adianta nós também somos pautados pela maneira como as agências de fomentos avaliam, então, por exemplo, se eu pegar duas dentro, que eu considero, das principais revistas brasileiras, a RBCE<sup>19</sup> e a Movimento<sup>20</sup>; elas são super importantes para o tipo de trabalho que eu faço, na hora que eu vou ser avaliado pela pontuação da CAPES<sup>21</sup>, por eu estar vinculado a área da educação elas perdem força, no ponto de vista da avaliação. E a recíproca é verdadeira, embora a área da educação, seja mais generosa, mas a minha produção em periódicos está concentrada na área da educação. Já publiquei na RBCE, na Movimento, publiquei em revistas de educação física no exterior, mas está concentrada na área da educação.

---

<sup>15</sup> Editora Autores Associados.

<sup>16</sup> Grupo de Trabalho Temático.

<sup>17</sup> Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte.

<sup>18</sup> Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação.

<sup>19</sup> Revista Brasileiro de Ciências do Esporte.

<sup>20</sup> Revista Movimento, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>21</sup> Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior.

C.M. – Professor, como o senhor definiria o CEMEF?

M.O. – Eu acho o CEMEF uma baita experiência, eu acho muito legal o CEMEF, pela proposta. Primeiro por uma questão estrutural, que eu acho fantástico o que eles conseguem fazer aqui. Agora vou me distanciar um pouco mesmo, o que eles conseguem fazer aqui com tão pouca gente, são poucos professores, a Maria Cristina<sup>22</sup> acaba de chegar. Eu, embora já esteja aqui há quatro anos, como eu te disse, eu nunca me dediquei ao trabalho do dia a dia do CEMEF. Então, pensar que o Tarcísio e a Meily com suas equipes de alunos colaboradores conduzindo isso aqui, eu acho fantástico, admirável e impressionante. Inclusive isso é difícil, um projeto, construir um centro, especificamente um centro, eu acho muito legal o trabalho deles, de fato. Há uma ambiguidade, eu converso com alguns orientandos meus, falo muito sobre isso com a Meily, e mesmo com o Tarcísio, porque eu acho o trabalho fundamental, vários dos meus alunos tem se valido desse acervo organizado, eu acho importantíssimo. Eu vou muito a arquivo obviamente, e é horrível chegar a um arquivo que está desorganizado, que está bagunçado; e aqui as coisas estão organizadas, tem um trabalho sistemático de organização, eu acho isso muito legal. Então desse ponto de vista da organização documental, da organização, da produção de fontes, organização de fontes, eu já acho fantástico. Mas eu acho fantástico também, que não se limita a isso, o fato dos colegas estarem preocupados a dar uma consequência, tanto no ponto de vista da produção do conhecimento, a pesquisa, quanto a sua extensão, sua disseminação, os projetos de extensão, isso me dá mais empolgação, ou seja, não basta organizar documento, chavear a porta e ir para casa, os documentos estão organizados e ninguém sabe disso. É quase a mesma coisa que você encontrar documentos no porão. Não, aqui a dinâmica é outra, eles estão preocupados em produzir pesquisa a partir desse trabalho, socializar essas pesquisas em eventos, mas também na forma de extensões, com as exposições, por exemplo. E ao mesmo tempo afetar o ensino, assim como eu já usei o CEMEF quando eu dava aula de história da educação física, eu sei que eles também fazem a mesma coisa. Ou seja, o CEMEF me parece uma entidade total, no sentido mais positivo, porque ele organiza acervo, trata documento, preserva o documento, mas produz o conhecimento a partir disso, introduz a possibilidade de extensão para a comunidade. Então eu acho que a vocação do CEMEF é essa, e eu gosto muito dessa vocação. Pela dimensão a qual eu me dedico que acho que a Meily tem feito isso também, que é produzir

sobre o trabalho, eu acho isso um esforço importante, como trabalhamos, o porquê trabalhamos, porque fazemos assim, que opções nós fazemos, eu acho que isso para a comunidade é muito importante, porque, aí faço uma auto crítica, para o pesquisador e o historiador é fácil você trabalhar com as fontes, fácil não é, mas é muito mais fácil trabalhar com as fontes, sem se preocupar com aquelas fontes foram tratadas, arquivadas, organizadas, sistematizadas. Eu me considero exatamente esse tipo de pesquisador, adoro chegar a um lugar que as coisas estão organizadas e a gente não pensa como alguém fez aquilo, o trabalho que alguém teve para fazer aquilo. Então quando eu vejo os colegas escrevendo sobre isso, acho uma contribuição super importante também para o CEMEF, como afinal de contas se lida com um documento.

C.M. – Qual é o papel do CEMEF na sua trajetória?

M.O. – Eu diria, que é sobretudo um papel de interlocução. Eu reconheço isso no CEMEF, como falei inicialmente, mesmo antes de saber do CEMEF, que tem essa estruturação toda, eu já tinha uma conversa com os colegas por conta de interesses comuns, educação do corpo, educação física. Quando os colegas me chamam para conversar aqui e começa essa relação, começo a vir às primeiras vezes ainda lá no Paraná, vinha para cá, eu acho que começa uma interlocução, que não acabou mais, são mais de dez anos de interlocução. Considero a Meily uma grande interlocutora, o Tarcísio, a Andrea<sup>23</sup>, alunos que hoje, alguns já se doutoraram e foram embora, outros que estão aí, alunos de iniciação científica, que foram para o mestrado, doutorado. Ou seja eu gosto de pensar na ideia de ambiente, se criou um bom ambiente de debates, de discussão de ideias, e eu vejo essa como uma grande contribuição do CEMEF para a minha trajetória, uma contribuição muito significativa, eu considero. Já considerava quando estava no Paraná o CEMEF como um centro de referência, com planos de estudos da história da educação física. Estando próximo e discutindo, é muito interessante ver como às vezes até a gente muda o nosso ponto de vista, como o colega ajuda a refina um conceito, por exemplo, estudei muito sobre a educação do corpo, aqui no CEMEF esse conceito começou a ser questionado, você pensa: “por que os colegas estão tencionando o conceito?”. E te faz sentir, pensa nisso, faz sentido. Então nesse sentido acho que o CEMEF faz toda a diferença na minha

---

<sup>22</sup> Maria Cristina Rosa.

<sup>23</sup> Andrea Moreno.

trajetória, porque ele tem uma lógica de trabalho de grupo que eu gosto muito e tem uma lógica de trabalho franco, que é o debate franco, você entrou naquela rodinha do seu projeto de pesquisa, as pessoas vão dizer que o que não está legal, o que está bom, o que incomoda, eu acho que isso é fundamental para qualquer pesquisador.

C.M. – O senhor tem mais alguma coisa que gostaria de registrar?

M.O. – Simples e objetiva. Acho que é legal um trabalho como esse. Eu acho que o CEME<sup>24</sup> e o CEMEF são os centros que estão de fato bem organizados, e o PROTEORIA<sup>25</sup> provavelmente, mas tem muitas iniciativas no Brasil, muita gente tentando organizar essas memórias, então eu acho que o trabalho como o teu tem um potencialidade enorme para ajudar inclusive as pessoas que pensarem sobre ele, primeiro o que é isso e o desafio que é. Também não é simples, isso eu reconheço no trabalho dos colegas, às vezes até me assusta como eles trabalham aqui dentro. Eu acho um trabalho fundamental, então boa sorte para você, espero ter ajudado em alguma coisa, pelo menos para as suas estatísticas [risos].

C.M. – Com certeza. Muito obrigada, professor!

[FINAL DA ENTREVISTA]

---

<sup>24</sup> Centro de Memória do Esporte da UFRGS.

<sup>25</sup> Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física.